

A discursivização da salvação religiosa e o *ethos* do salvador no discurso bíblico fundador: uma análise semiótica da narrativa de Lucas 19,1-10

The discursivization of religious salvation and the *ethos* of the savior in the foundational biblical discourse: A semiotic analysis of the narrative of Luke 19,1-10

*Domingos de Sousa Machado*¹

RESUMO

Este artigo é um exercício de análise da narrativa de Lucas 19,1-10 a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do *modelo standard* da Semiótica discursiva e seu desenvolvimento mais atual, a *tensiva*. O objetivo é, a partir dos desvelamentos dos mecanismos de construção dos sentidos na discursivização da noção de salvação religiosa e construção do *ethos* de Jesus, entender como se estrutura e se institui um discurso de natureza constituinte como o bíblico, ao mesmo tempo em que visa manter vivo o tradicional diálogo entre a Semiótica Francesa e os Estudos Bíblicos. A análise da narrativa lucana aponta para uma concepção de salvação religiosa que transcende a noção metafísica e possui dupla implicação: uma de natureza sociopsicológica (libertação do egoísmo e da vida desonesta), e outra de natureza fraterna e generosa (compartilhar os bens com os pobres). Além disso, a salvação está exclusivamente ligada à missão de Jesus, como salvador, de quem é construído um *ethos* simpático, sereno e generoso, posto que disposto a doar salvação a quem lhe procura.

PALAVRAS-CHAVE

Salvação religiosa; *Ethos*; Lucas 19,1-10; Semiótica discursiva.

ABSTRACT

This article is an analytical exercise of the narrative of Luke 19,1-10 based on the theoretical-methodological assumptions of the standard model of discursive Semiotics and its more recent development, the *tensive*. The objective is to understand how a constitutive discourse like the biblical one is structured and instituted by unveiling the mechanisms of meaning construction

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo de Linguística da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e de Teologia em Seminários Teológicos. Coordenador do Grupo de Estudos Semióticos da UESPI – SEMIOUESPI. E-mail: domingosousa@cchl.uespi.br

in the discursive representation of the notion of religious salvation and the construction of Jesus' ethos, while simultaneously aiming to keep alive the traditional dialogue between French Semiotics and Biblical Studies. The analysis of the Lucan narrative points to a conception of religious salvation that transcends the metaphysical notion and has a dual implication: one of a sociopsychological nature (liberation from selfishness and dishonest living) and another of a fraternal and generous nature (sharing goods with the poor). Furthermore, salvation is exclusively linked to Jesus' mission as the savior, from whom a sympathetic, serene, and generous ethos is constructed, as He is willing to grant salvation to those who seek Him.

KEYWORDS

Religious Salvation; *Ethos*; Luke 19,1-10; Discursive Semiotics.

Introdução

O discurso bíblico, conforme Maingueneau², como um discurso constituinte, fundador, auto e heteroconstituente, *fonte* de uma infinidade de discursos se mantém através dos séculos não apenas pelo aspecto religioso que seduz e fascina o destinatário, mas, sobretudo, porque instaura um discurso manipulador³ e persuasivo, um *fazer-crer* subjacente a um *fazer-fazer*.

Desde o seu surgimento, a semiótica discursiva francesa sempre esteve aberta ao diálogo com outros campos de estudo da linguagem. E um desses campos mais produtivos foi o dos estudos do discurso religioso, notadamente a exegese bíblica. Segundo Theriault⁴, foi na época da publicação da obra “*Du sens* (1970), que a exegese bíblica e a semiótica greimasiana se encontraram”. Após o choque inicial e a superação das dificuldades causadas pela mudança radical na epistemologia, as disciplinas puderam se beneficiar e seguir seu caminho. O diálogo foi intenso e muito proveitoso para ambas. O próprio Greimas incentivou e esteve envolvido com algumas pesquisas e publicações que desenvolviam essa parceria. No posfácio de uma importante publicação representativa desse diálogo, “*Signes et Paraboles – semiótique et texte évangélique*”, publicado ainda em 1977, o semioticista lituano escreveu: “...o texto evangélico se apresenta, uma vez por todas, como o lugar estrategicamente privilegiado da reflexão metodológica sobre os modos de funcionamento dos discursos pluri-isotópicos”⁵.

De acordo com Cardoso⁶, “o primeiro encontro formal entre a Semiótica e os estudos bíblicos aconteceu na seção de três dias do *Grand Seminaire de Versailles* realizada em setembro

² MAINGUENEAU, Dominique. *Analisando discursos constituintes*. Tradução: Nelson B. Costa. Revista do GELNE. Fortaleza, v. 2, n. 2, p.167-178, 2000.

³ É importante salientar que a noção de manipulação em Semiótica não tem a ver com a definição comum de manobra escusa, forma de controle, engano etc. Na verdade, segundo Greimas e Courtés (2016, p. 269), em oposição à operação, que é uma ação homem sobre as coisas, a manipulação descreve simplesmente o agir do homem sobre os outros homens, visando fazê-los executar um programa dado. Portanto, manipular em Semiótica é fazer agir.

⁴ THÉRIAULT, J-Y. Quand la bible s'ouvre à la lecture sémiotique. *Proteé: revue internationale de théories et de pratiques sémiotiques*, v. 34, n. 1, p. 67-75, 2006. Disponível em <https://www.erudit.org/en/journals/pr/2006-v34-n1-pr1321/013311ar.pdf>. Acesso em 25/04/2020, p.1.

⁵ GREIMAS, Algirdas Julien. Postface. In: GROUPE D'ENTREVERNES, *Signes et Paraboles – semiótique et texte évangélique*. Paris: Éditions du Seuil, 1977. p. 232.

⁶ CARDOSO, Dario de Araújo. *Corpo e presença na Bíblia Sagrada*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 28.

de 1968, quando cerca de trinta especialistas em Bíblia se reuniram em torno de Greimas. Ainda segundo esse autor, “no grupo de estudos formado por Greimas, encontravam-se pesquisadores do discurso religioso como Louis Panier, Jean Delorme, Jean-Claude Giroud, Jean Calloud e outros. Esses pesquisadores formaram o Centre pour l’analyse du discours religieux (CADIR)”.

De lá para cá, muita tinta e papel foram gastos em pesquisa e publicações que unem os dois campos, e apesar das pesquisas entre semiótica e o *corpus* bíblico terem geralmente se concentrado em torno dos temas da enunciação e figurativização do discurso, o diálogo continua vivo e passa bem.

No Brasil, no entanto, o intercâmbio entre a semiótica e os estudos bíblicos ainda está em construção. Nas últimas décadas, tem-se notado um recorrente interesse pelo diálogo entre a Semiótica e o discurso bíblico, o que pode ser constatado pelo surgimento de muitas dissertações e teses que tomam as Escrituras judaico-cristãs como objeto para analisar a natureza do discurso religioso. Dentre essas pesquisas podemos destacar os trabalhos de Ramos (2004), Silva (2007 e 2011), Jadon (2009), Postal (2010), Demarchi (2015), Cardoso (2017) e Machado (2022). Além de diversos artigos em revistas eletrônicas⁷.

Portanto, inserindo-se nessa longa e produtiva tradição, procuramos investigar, nesse breve exercício de análise, os mecanismos de construção de sentidos utilizados pelo enunciador no discurso bíblico, notadamente na narrativa evangélica de Lucas 9.1-10 que discursiviza a noção de “salvação religiosa” e constrói a imagem, “o *ethos*” de Jesus como salvador. Faremos isso utilizando o modelo *standard* da Semiótica discursiva francesa por meio da análise dos três níveis do percurso gerativo do sentido em diálogo com o modelo tensivo de Zilberberg.

Para a análise da discursivização da noção de “salvação religiosa” e construção do “*ethos*” de Jesus como salvador na narrativa supracitada, utilizaremos não o texto grego de partida, mas a tradução “A Bíblia de Jerusalém”⁸. Sua escolha se deu pelo fato de ser uma tradução baseada tanto nos princípios formais de tradução como nos de equivalência semântica. Contudo, estamos cientes de que os sentidos do texto de chegada podem ou não corresponder exatamente aos sentidos do texto de partida, visto que toda tradução é uma atividade de interpretação e produção de sentidos.

1. Análise do plano da expressão

Embora concordemos com Vuillod⁹ de que se faz violência ao texto toda vez que se extrai de um determinado discurso, nesse caso o lucano e o bíblico em sua totalidade, uma narrativa para a análise, tal procedimento é um mecanismo necessário. Inserido no discurso evangélico de Lucas, a narrativa rotulada nas edições bíblicas como “a conversão de Zaqueu” (Lc 19,1-10) é o texto que constituímos como *corpus* para nossa análise justamente porque problematiza ou discursiviza o tema da “salvação religiosa” e constrói o “*ethos*” de Jesus como salvador. Vamos ao texto:

⁷ Lima (2013), Cardoso (2014, 2015), Silva (2010, 2013, 2019), Machado (2020, 2025), dentre outros.

⁸ A Bíblia de Jerusalém é uma tradução bíblica que pretende ser interconfessional ou ecumênica, isto é, por ter sido produzida por uma comissão de tradutores de diversas confissões religiosas, estabelece, como público-alvo, leitores de diferentes grupos religiosos cristãos (Machado, 2011).

⁹ VUILLOD, G. *Exercícios baseados em narrativas curtas*. In: CHABROL, C.; MARIN, L. *Semiótica narrativa dos textos bíblicos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980, p. 12.

¹ E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. ² Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. ³ Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. ⁴ Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali. ⁵ Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”. ⁶ Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. ⁷ À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa de um pecador!” ⁸ Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”. ⁹ Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. ¹⁰ Com efeito, o Filho do Homem veio *procurar e salvar o que estava perdido*”¹⁰.

Nesse excerto, Lucas, o evangelista narrador conta a história da conversão de um homem rico, chefe dos publicanos¹¹ em Jericó, chamado Zaqueu. Segundo a narrativa, em sua peregrinação ministerial pela palestina, Jesus passa por Jericó, e enquanto a atravessava essa cidade, Zaqueu procurava vê-lo, mas era impedido por sua pequena estatura, já que Jesus estava cercado por uma multidão. Impelido pelo desejo de ver o messias, o publicano sobe em uma árvore (sicômoro) no caminho por onde Jesus deveria passar. Quando o messias o vê, pede-lhe para hospedar-se em sua casa, uma espécie de autoconvite que provocou protestos na multidão (textualizada anaforicamente pelo pronome indefinido “todos”) por Jesus querer hospedar-se com “um pecador”. Surpreso e ao mesmo tempo tomado de alegria, o publicano recebe Jesus e seus discípulos em sua casa. Pondo-se de **pé diante de todos**, o coletor de impostos comunica a Jesus sua decisão de dar metade de seus bens aos pobres e, caso tenha defraudado a alguém, restituir-lhe-á quatro vezes mais. Jesus aprova a decisão do publicano e a valida asseverando que naquele dia a salvação entrou naquela casa, posto que também Zaqueu fazia parte da descendência abraâmica.¹²

Escrita em estilo claro e conciso, a narrativa em análise, embora descrevendo um cenário tipicamente judaico, evita o emprego de palavras e expressões hebraicas na **língua de partida, o grego koinê**¹³, evidenciando assim um possível destinatário de origem não judaica. De fato, no prólogo¹⁴ do livro, o autor destina sua narração a certo Teófilo.¹⁵ Em estilo historiográfico, o narrador faz saber ao seu destinatário que o relato apresentado resulta de sua investigação pessoal, e objetiva dar solidez aos ensinamentos cristãos que recebeu.

¹⁰ Lucas 19,1-10, *A Bíblia de Jerusalém*, 2002, p. 1947-1948 – grifos do editor.

¹¹ De acordo com Bentes e Champlin (1995, p. 505), os publicanos eram cobradores de impostos para o império Romano, visto que as taxas e impostos frequentemente eram coletados por indivíduos privados e empregados com esse propósito, e não por agentes governamentais oficiais. Ainda segundo esses autores, esses indivíduos se aproveitavam da situação para granjearem lucros desonestos, “por essa razão é que, no Novo Testamento, temos a expressão “publicanos e pecadores”, reunindo duas classes que tinham grande afinidade de espírito”.

¹² O povo judeu é uma das nações descendentes do patriarca Abraão. No entanto, segundo a narrativa bíblica, foi apenas com esse povo que Deus fez uma aliança através desse patriarca. Portanto, ser descendente de Abraão significa, para um judeu, mais do que ter herança étnica, representa, sobretudo, pertencer à aliança de salvação messiânica.

¹³ O grego koinê, ou grego comum, era um conjunto de variantes da língua grega na qual o Novo Testamento foi escrito. Mais simples que o grego ático (clássico), tornou-se uma espécie de língua franca na expansão do império macedônio e sobretudo no contexto do Império Romano.

¹⁴ O prólogo do livro de Lucas foi apropriadamente analisado da perspectiva semiótica por Zabatiero (2011) e Cardoso (2017).

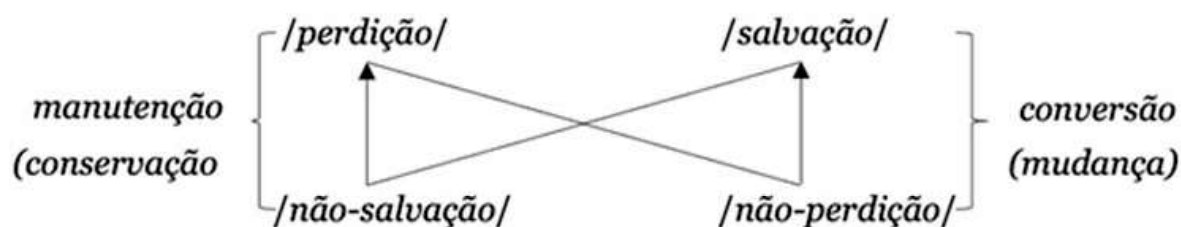
¹⁵ O nome grego θεόφιλος (Theóphilos) significa “amigo de Deus”, “amado por Deus” ou “amando a Deus”. Devido a esse significado, é possível que o nome se refira tanto a uma pessoa específica ou a uma comunidade.

2. Análise do nível fundamental

Se, como nos lembra Barros¹⁶, “o sentido nasce da descontinuidade, da ruptura, da percepção da diferença”, no enunciado fundador em análise, observamos que a oposição fundamental sobre a qual se erige todo o edifício discursivo do texto se estabelece entre os termos *salvação* e *perdição*, que pode ser depreendida a partir dos lexemas “salvação” e “perdição” explicitamente presentes no texto. Outras oposições semânticas poder depreendidas como vida x morte, escravidão x libertação. Assim, num espectro do contínuo tensivo teríamos perdição (morte, escravidão) e no oposto, salvação (vida, libertação). Notemos ainda outros traços sêmicos estabelecidos no texto entre conservação (manutenção) versus mudança (transformação). Zaqueu como estava era um perdido (escravo de seus pecados e morto no sentido religioso), precisava, portanto, romper com esse estado e mudar, ser salvo, isto é, ser liberto de seus pecados e receber salvação.

Como nos lembra Fontanille¹⁷, “o quadrado semiótico é feito para ser percorrido: o sistema de valores que ele propõe pode esboçar as principais fases de uma narrativa mínima”. Portanto, em termos do quadrado semiótico, conforme os valores “divinos” postos em funcionamento pelo enunciador, no texto a salvação é euforizada e apresenta os traços semânticos da mudança ou transformação, por outro lado, a perdição é disforizada pelos traços da estaticidade, da conservação ou da manutenção. Além do mais, o tema da conversão religiosa, embora não apareça textualizado mostra-se do lado direito da dêixis, da asserção, enquanto a não conversão estabelece-se do lado esquerdo, da negação.

Figura 1: Quadrado semiótico das oposições de base da narrativa de Lucas 19,1-10



Fonte: elaborado pelo autor

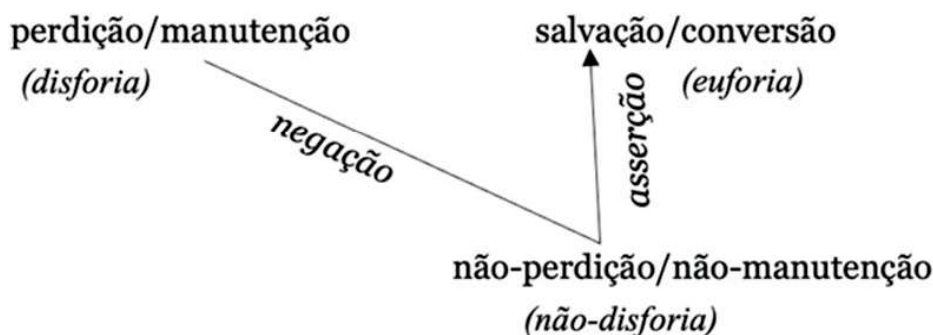
Segundo Fontanille¹⁸, “a sintaxe elementar é uma sequência de predicados (negar e afirmar) que assegura as disjunções (negar) e a conjunções (afirmar) de um percurso narrativo condensado”. Notemos que os sentidos do texto são construídos na passagem da continuidade para a descontinuidade. De forma mais clara, podemos representar no quadrado seguinte nessas oposições semânticas fundamentais as operações de asserção e negação e a aplicação dos valores tímicos, conforme construídos no texto em análise:

¹⁶ BARROS, Diana. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2002, p. 17.

¹⁷ FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Christus Portela. 1ª ed. 2ª rev. São Paulo: Contexto, 2001, p. 66.

¹⁸ FONTANILLE, 2011, p. 67.

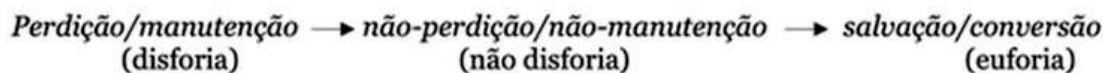
Figura 2: Projeção no quadrado semiótico do percurso fórico das oposições de base da narrativa de Lucas 19,1-10



Fonte: elaborado pelo autor

O texto em análise afirma a mudança/salvação e nega a manutenção/perdição. Nega o contínuo e afirma o descontínuo. Ao analisarmos na perspectiva do narrador, podemos notar que o texto faz o percurso da perdição à salvação, da manutenção à conversão:

Figura 3: Projeção do percurso fórico das oposições de base da narrativa de Lucas 19,1-10



Fonte: elaborado pelo autor

Em termos tensivos podemos dizer que a direção tensiva do texto é descendente, vai do aumento de tensão e diminuição de relaxamento para uma tensão decrescente e um relaxamento crescente. O ator Zaqueu é um sujeito tenso porque o estado de “perdido” é marcado pela tensão, razão pela qual busca o objeto-valor, a salvação timicamente euforizada como distensa.

3. Análise do nível narrativo

O nível narrativo do percurso gerativo do sentido é o nível das transformações, visto que, segundo Fiorin¹⁹, a “narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final”. É nesse nível que o sujeito narrador apresenta a “história” do texto e uma rede de relações constitui-se com o objeto de valor para estabelecer o estado de junção das coisas (conjunção ou disjunção). O sujeito narrativo pode, portanto, em seu projeto narrativo, afirmar ou negar a conjunção ou a disjunção com esse objeto.

No enunciado em análise, podemos perceber um programa narrativo de base e um conjunto de programas de uso no percurso narrativo do texto. O programa narrativo de base é constituído por um sujeito em busca de objeto-valor, a salvação. Isso está implícito na narrativa quando o

¹⁹ FIORIN, José Luís. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 27, 28.

destinador, figurativizado por Jesus, a quem o actante Zaqueu atribui a posse desse objeto valor, declara: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão” (Lc 19,10).²⁰ Do ponto de vista do narrador, Zaqueu é um sujeito em busca desse objeto-valor, por essa razão procura ver Jesus, seu destinador-manipulador, visto que cria que ele era portador desse objeto. Dar-se aqui, então, a primeira fase do esquema narrativo, em que o sujeito é manipulado a pôr em prática um programa de uso para alcançar o objeto-valor.

Como podemos ver, o narrador deixa uma série de vazios no texto esperando que o leitor os preencha. É dito que o actante Zaqueu busca ver Jesus, mas ao final esse mesmo actante é sancionado com a salvação, deixando implícito, portanto, que sua busca era por salvação, já que, conforme ideologia cristã construída no texto evangélico, Jesus seria o salvador. Assim, o programa narrativo desempenhado pelo actante Zaqueu não tinha como alvo meramente “ver Jesus”, mas obter salvação. Estabelece-se aqui uma relação subjetal, em que um actante disjunto de um objeto-valor, salvação, desempenhará um percurso buscando sua conjunção a esse objeto.

Como actante do esquema narrativo, Jesus desempenha a função de destinador e institui o actante Zaqueu como seu destinatário. Embora, como afirma Silva²¹, o destinador figurativizado por Jesus constitua-se, na narrativa evangélica, o destinatário do arquidestinador divino, figurativizado por Deus, que, conforme Cardoso²², no discurso lucano, embora se mantenha apenas *in presentia*, todos os atores e ações giram em torno dele.

Como sujeito da falta, o actante Zaqueu é um sujeito afetado passionalmente pela ansiedade. Segundo Barros²³, a ansiedade é uma paixão complexa *lato sensu*, e nesse sentido é uma paixão de falta, de objeto e marcada por um *querer-ser + crer-não-ser + saber-poder-não-ser*. O percurso inicial do sujeito da falta é marcado por esse estado modal. Zaqueu é um sujeito que *quer-ser* salvo, acredita que não é, e sabe que pode não ser. Ei-lo afetado pela paixão da ansiedade: “Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali” (Lc 19,3-4). Ele quer e acredita que não seja, sabe que pode não ser e por isso estabelece um contrato fiduciário com o destinador, Jesus, que *crer-ser* o portador do objeto desejado, e por isso pode colocá-lo em conjunção com objeto-valor. Embora, como já dissemos alhures, essa busca e esse objeto-valor esteja no nível do implícito na narrativa em análise. Zaqueu é, portanto, um sujeito virtualizado, um sujeito do querer, posto que disjunto do objeto-valor.

No percurso narrativo do sujeito surgem vários oponentes ou antissujeitos. Zaqueu quer ver Jesus, mas se lhe opõem a multidão (“não o conseguia por causa da multidão”) que cercava Jesus e seu tamanho físico, (“pois era de baixa estatura”). Zaqueu tem como adjuvante uma árvore à margem do caminho: “Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali” (Lc 19,4). O narrador inscreve um tom jocoso na narrativa ao colocar como

²⁰ A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1930.

²¹ SILVA, Sueli Maria Ramos da. *Discurso religioso: semiótica e retórica* [recurso eletrônico]. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020, p. 125.

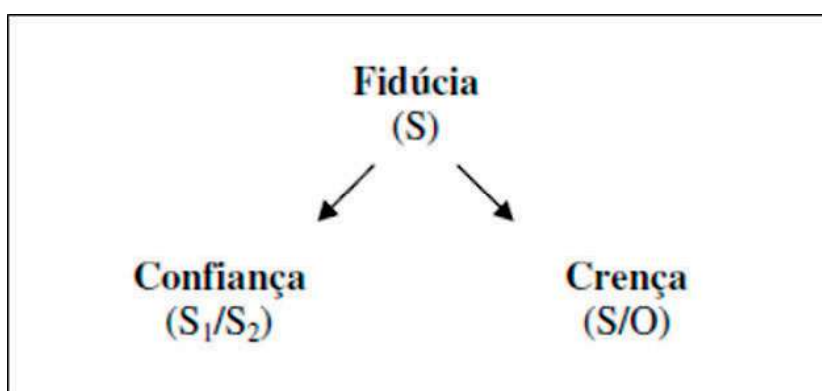
²² CARDOSO, Dario de Araújo. *Corpo e presença na Bíblia Sagrada*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 120.

²³ BARROS, D. L. P. *Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos*. Cruzeiro semiótico, Porto, v.11/12, p.60-73, 1989/1990.

adjuvante do sujeito uma árvore que irá possibilitá-lo de Jesus. Conforme Bertrand²⁴, a “ação é decomposta em três tempos que correspondem geralmente pelos seus modos de existência (virtual, atualizado, realizado)”. Em cima do Sicômoro, Zaqueu agora é colocado na cena predicativa como um sujeito atualizado.

Se, como defende Greimas²⁵, o saber e o crer admitem um mesmo universo cognitivo, o percurso do sujeito é amparado por um saber (que Jesus é o salvador) que o leva a crer. Ora, conforme Fontanille e Zilberberg²⁶, o crer é uma das valências ou funtivo da fidúcia, que é fundamental nas relações intersubjetivas e no contrato fiduciário.

Figura 4: A fidúcia e seus funtivo



Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 265)

O campo da fidúcia, segundo esses autores, “se torna também o campo da fé, isto é, da relação entre destinador e destinatário”. Ainda segundo Fontanille e Zilberberg²⁷, na relação intersubjetiva entre enunciador e enunciatário, o enunciador aciona um fazer-crer ao qual corresponde ou não um crer do destinatário. No campo do discurso religioso essa manipulação geralmente pode ocorrer através de uma promessa ou ameaça. Mas não é o caso no texto em análise. O actante Zaqueu, sujeito do querer, é manipulado por um saber (universo cognitivo) e por um crer que Jesus é o salvador que lhe poderia doar a salvação. Esse saber é pressuposto, uma vez que o narrador deixa implícito ao dizer que esse sujeito “procurava ver quem era Jesus”, pois já sabia algo acerca dele. Ainda no percurso do sujeito do querer, o destinador sanciona positivamente a performance do destinatário surpreendendo-o ao se convidar para hospedar-se em sua casa: “Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa” (L 19,5).

De acordo com Greimas²⁸, “toda religião é uma axiologia, isto é, um sistema conforme o qual se afirmam ou se negam certos valores: é, inicialmente, um sistema abstrato e conceitual”.

²⁴ BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 130.

²⁵ GREIMAS, Algirdas J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

²⁶ FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

²⁷ FONTANILLE E ZILBERBERG, 2001, pp. 263-265.

²⁸ GREIMAS, Algirdas Julien. *Folclore, religião e história*. Trad. Ana Maria Petraitis Liblik. Significação: revista brasileira de estudos semióticos, São Paulo, n.21, p. 9-28, junho, 2004 (Original Lituano), p. 14.

Pressupondo que o destinador é possuidor do objeto-valor, salvação, e ao mesmo tempo fonte do mesmo quadro axiológico de valores, sendo ambos submetidos ao arquidestinador divino, o sujeito Zaqueu desvencilha-se de outros oponentes ao seu projeto de aquisição do objeto-valor, que são, por um lado, a ambição egoísta (“Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres), e por outro, a desonestidade (“...e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”) para alcançar o objeto desejado (Lc 19,8).

Em outras palavras, em termos tensivos, há uma parada da continuação. Isto é, há um rompimento com estilo de vida marcado pelos valores axiológicos de um antidestinador “secular” (um antiprograma pressuposto e representado pelo pecado na vida de Zaqueu) e a assunção de uma forma de vida instituída a partir dos quadros de valores axiológicos estabelecidos pelo destinador-manipulador divino. É importante ressaltar a presença da interdiscursividade no rompimento do contrato com o antidestinador, pois ao enunciar, “se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”, o sujeito coloca em jogo a voz da lei mosaica da Bíblia Hebraica que estabelecia que em caso de furto, roubo, engano ou lucro ilícito, o transgressor deveria restituir à vítima acrescentando mais um quinto do subtraído.²⁹ O sujeito, contudo, caso tenha “pecado” contra seu próximo, promete restituir quatro vezes mais.³⁰

O destinador-manipulador, assumindo aqui a função actancial no esquema narrativo de destinador-julgador, mais uma vez sanciona a performance do sujeito atribuindo-lhe o objeto valor implicitamente buscado – a salvação: “Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,9.10). O que temos aqui é uma sanção cognitiva de reconhecimento e de doação simultaneamente. Zaqueu é reconhecido como aquele que desempenhou a performance necessária para a aquisição do objeto valor.

Se por um lado está explícita a sanção positiva ao sujeito competente em sua busca pelo objeto-valor, por outro, a natureza do objeto *salvação* é implicitada na narrativa, pois como dissemos alhures, esse objeto opõe-se no nível fundamental ao lexema *perdição* e leva os traços sêmico de descontinuidade ou parada da continuação, enquanto o lexema *perdição* estaria associada à continuidade ou parada da parada.

Nessa altura do percurso do sujeito do querer, Zaqueu é agora um actante conjunto com o objeto buscado, portanto, um sujeito realizado, posto que sancionado ou premiado com o objeto através de um programa narrativo de doação e reconhecimento. O estabelecimento de um novo contrato implica o rompimento com o anterior. Ao estabelecer o contrato fiduciário com o destinador divino e sagrado, Jesus, logicamente implícito está o rompimento do contrato com o antidestinador “secular”.

Observemos que o sujeito Jesus exerce, no projeto narrativo lucano, simultaneamente, três funções narrativas: a de sujeito doador do objeto valor, portanto uma espécie de adjuvante no percurso do sujeito; o destinador-divino, fonte dos valores axiológicos compartilhados pelo sujeito do querer; e de destinador-julgador, aquele que avalia o desempenho do sujeito e o sanciona com o objeto-valor buscado. Por outro lado, ao analisarmos da perspectiva do sujeito Jesus,

²⁹ Ver Levítico 6,1–5, Números 5,7 e Êxodo 22,4.7. 9.

³⁰ Segundo Hendriksen (2014, p. 399), “A lei (Lv 6,1–5; Nm 5,7) exigia que em determinados casos, ao fazer-se restituição, devia acrescentar-se um quinto do dinheiro recebido injustamente – nesse caso, um quinto do que havia sido cobrado a mais. Em outros casos, era preciso fazer restituição dupla (Êx 22,4.7.9). Zaqueu, contudo, decidiu então restituir não o dobro, mas quatro vezes a quantia cobrada a mais”.

vemos a peculiaridade da engenharia narrativa lucana, comprovando assim o que disse Greimas: “[...] o texto evangélico se apresenta, uma vez por todas, como o lugar estrategicamente privilegiado da reflexão metodológica sobre os modos de funcionamento dos discursos pluri-isotópicos”³¹. O percurso desse sujeito, cujo alvo é procurar e salvar o perdido, tem, na narrativa, como oponentes a censura crítica da multidão (“...à vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa de um pecador!”) e a sujeição do sujeito/objeto Zaqueu ao contrato fiduciário com um antidestinador “secular”, constituído de valores axiológicos implicitamente opostos ao seu, posto que “um pecador”. Podemos mesmo falar de um antiprograma pressuposto representado no texto pela vida “pecaminosa do sujeito”. Pressuposto porque, se precisava de “salvação”, é porque “estava perdido”.

Desvencilhando-se dos oponentes cujos percursos narrativos são implícitos no texto, o sujeito Jesus, modalizado pelo querer, dever, saber e poder, manipulado pelo arquidestinador divino, também implícito, ou “*in presentia*”, como afirmamos alhures, desempenha o programa narrativo e alcança o objeto valor buscado: “Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,9.10). Jesus como sujeito de um programa específico no texto é um sujeito realizado, posto que alcança o que buscava: “o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”.

Em vívido contraste com o sujeito Zaqueu, modalizado passionalmente pela inquietude e ansiedade, Jesus é afetado pela serenidade e pelas paixões benevolentes da simpatia e generosidade. Como afirmam Greimas e Fontanille³², “a generosidade é a disposição para dar mais do que se espera”. A intensidade não é aqui interpretada como excesso, e a moralização é positiva. Enquanto o actante Zaqueu inicia seu percurso modalizado pelo *querer-ser* + *crer-não-ser* + *saber-poder-não-ser*, Jesus, por outro lado evidencia uma continuidade passional caracterizado pelo *querer-ser* + *poder-ser* + *saber-ser* + *dever-ser*. Ele *quer-ser*, *pode-ser*, *dever-ser* e *saber-ser* o salvador.

Enquanto o sujeito Zaqueu faz o percurso passional que vai da tensão à distensão, ou da ansiedade à serenidade, o percurso do sujeito Jesus permanece distenso, sem variações, visto que está modalizado pelo *querer-fazer*, *dever-fazer*, *saber-fazer* e *poder-fazer* “buscar e salvar o que está perdido”. Em termos tensivos podemos cifrar os estados passionais dos sujeitos da seguinte forma:

³¹ GREIMAS, 1977, p. 232.

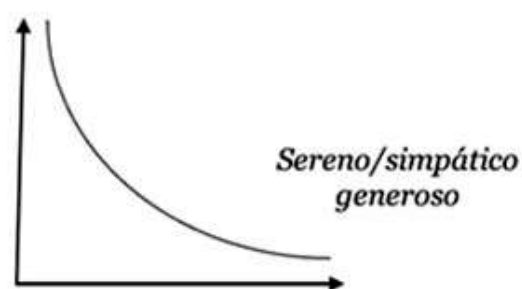
³² GREIMAS, A. J. & FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993, p. 117.

Figura 5: Projeção no gráfico tensivo do percurso passional dos sujeitos Zaqueu e Jesus, respectivamente.

Percurso passional do sujeito



Percurso passional do sujeito



Fonte: elaborado pelo autor

Assim, enquanto Zaqueu parte de um estado passional tenso e intenso ao distenso e extenso, Jesus permanece modalizado pelas paixões distensas e extensas. O narrador constrói a imagem (ethos) de Jesus como um sujeito sereno, tranquilo e generoso.

4. Análise do nível discursivo

Depois de uma breve descrição do plano do narrado, das estruturas fundamental e narrativa convém atentarmos doravante para os mecanismos de construção dos sentidos no plano da narração, portanto, no nível discursivo. Conforme Fiorin³³, compete à instância da enunciação a conversão das estruturas narrativas em estruturas do discurso. Enquanto a sintaxe discursiva organiza as relações entre enunciação e discurso através dos mecanismos de actorialização, temporalização e espacialização, a semântica do nível discursivo enriquece e adensa as estruturas narrativas através do estabelecimento dos percursos temáticos e do revestimento figurativo dos conteúdos da semântica deste nível.

Em termos de sintaxe discursiva, é possível perceber que a estratégia de actorialização do discurso utilizada pelo narrador é a debreagem enunciativa, que consiste em apagar as marcas da enunciação enunciada, o eu-aqui-agora, e ancorar os movimentos do sentido nos actantes do enunciado (ele), num espaço figurativo, o espaço do enunciado (algures) e no tempo do enunciado (então). Os efeitos da debreagem enunciativa são de distanciamento do narrado, produzindo, assim, o efeito de realidade.

Temos, portanto, uma narrativa construída num sistema temporal caracterizado pela anterioridade ao momento da enunciação pelo uso do sistema enuncivo e ancorado no pretérito imperfeito do indicativo: “E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade” (Lc 19,1). O espaço também do enunciado, diferente do espaço da enunciação é figurativizada no topônimo

³³ FIORIN, José Luís. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2016.

cidade de Jericó. Através da debreagem enunciativa, o enunciador instaura no texto um ele, produzindo assim um efeito de objetividade e de realidade à narrativa. Tem-se, portanto, a emergência dos atores do enunciado por meio de um discurso que parece se enunciar sozinho. É um texto predominantemente figurativo e coloca em jogo a tematização da salvação religiosa.

Esse enunciador implícito, através do mecanismo de debreagem enunciativa interna de segundo grau, delega a voz aos actantes do enunciado, os interlocutores e os interlocutários. O discurso direto distinguido pelo uso das aspas é a estratégia utilizada pelo narrador para debrear os atores do enunciado. O efeito de sentido criado por essa delegação de voz é o da interação intersubjetiva, isto é, um simulacro das interações reais.

Esses simulacros das interações instaladas pelo enunciador por debreagem enunciativa interna acontecem respectivamente no texto entre os atores Jesus, que estabelece como seu interlocutor Zaqueu (“e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa” (Lc 19,5) e ainda “Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10), entre Zaqueu e Jesus (“Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo” (Lc 19,8), e entre a multidão (“todos”) e o ator Jesus. Notemos que nessas debreagens internas estamos no nível do narrado, visto que estes atores são apenas actantes da narrativa desvinculados de qualquer estrutura de comunicação.

Como se pode conferir no excerto a seguir, o enunciador, sincretizado no narrador, alterna sua narração delegando a voz aos personagens, os atores do enunciado, através do discurso direto precedido pelo uso do verbo *discendi*, dois pontos e pelas aspas:

e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”. ⁶ Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. ⁷ À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-se na casa de um pecador!” ⁸ Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo”. ⁹ Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. ¹⁰ Com efeito, o Filho do Homem veio *procurar* e salvar *o que estava perdido*”³⁴.

Os atores instalados no texto e instituídos pela debreagem como interlocutores de uma enunciação enunciada, interna ao texto, são figurativizados pelos antropônimos Zaqueu e Jesus, e por um pronome indefinido “todos”. No tocante à ambientação ou espaço da narrativa, figurativizado de modo geral pelo topônimo Jericó, podemos notar que outros espaços são também figurativizados na narrativa: a estrada por onde Jesus devia passar, o sicômoro (“Quando Jesus chegou ao lugar”), e a casa de Zaqueu (“Foi hospedar-se na casa de um pecador!”).

Quanto à temporalização, na fala do narrador há o predomínio do sistema enuncivo através do pretérito imperfeito que marca uma não concomitância com o presente da enunciação, mas uma concomitância com o sistema pretérito e é aspectualizado como contínuo e não pontual. Como se pode observar no excerto a seguir: “Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o consequia por causa da multidão, pois era de baixa estatura” (Lc 19,2-3). Entretanto, ao delegar a voz aos interlocutores por debreagem enunciativa interna, o sistema enunciativo é utilizado e, conseqüentemente, o

³⁴ Lc 19,5-10.

narrador recorre a outros tempos verbais, como o pretérito perfeito 1, que indica pontualidade e término de uma ação executada. Também temos um verbo no presente e o advérbio “hoje”, ambos simulando uma concomitância do tempo da enunciação interna, como se pode ver no excerto: “Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão” (Lc 19,2-3).

No nível discursivo, além dos mecanismos sintáticos de instalação de pessoa, espaço e tempo, temos os mecanismos semânticos da figurativização, tematização e isotopia. Como é a instância da enunciação que faz a conversão das estruturas narrativas em discursivas, a semântica discursiva, segundo Barros³⁵, “descreve e explica a conversão dos percursos narrativos em percursos temáticos e seu posterior revestimento figurativo”. A enunciação, que na perspectiva semiótica só pode ser pressuposta, é necessariamente assumida por um sujeito que tem a função de disseminação dos temas e a figurativização do discurso. A figurativização, a tematização e a isotopia, proveem o discurso de coerência semântica e criam efeitos de realidade, garantindo a relação entre mundo e discurso.

De acordo com Bertrand³⁶, a “figurativização do discurso é, mais exatamente, um processo gradual sustentado de um lado pela iconização, que garante a semelhança por relação às figuras do mundo sensível e, de outro, pela abstração, que delas se afasta”. A tematização, por outro lado, consiste, assim, numa redução do figurativo e “consiste em reconhecer, a partir de uma ou de várias isotopias figurativas, uma isotopia mais abstrata, subjacente aos conteúdos figurativos cuja significação global ela condensa, orientando-a e integrando-lhe valores”³⁷. Assim, segundo esse autor, para ser compreendido, o figurativo precisa ser assumido por um tema. Este último dá sentido e valor às figuras.

Como já dito, a tematização é a formulação abstrata dos valores na instância discursiva. No centro dos valores do texto em análise está o objeto-valor *querer-ser*, figurativizado na busca de Zaqueu e inscrito no enunciado atribuído a esse ator, “Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: “Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo” (Lc 19,8), onde se discursiviza o *querer-ser* salvo de Zaqueu através do *poder-ser* mediante sua conversão aos valores axiológicos e ideológicos de seu destinador, figurativizado por Jesus.

Dentre esses diversos temas e suas respectivas figuras podemos destacar:

- a) *Conversão religiosa* (concretizada pela decisão de Zaqueu de dar a metade de seus bens aos pobres, e restituir quatro vezes mais a quem defraudou);
- b) *Transformação humana* (concretizada no texto na iniciativa de Zaqueu em agir de modo diferente a partir daquele encontro com Jesus);
- c) *Popularidade de Jesus* (figura da multidão que o cercava);
- d) *Limitação física* (figurativizada pela pequena estatura de Zaqueu que o impedia de ver Jesus);
- e) *Missão de Jesus* (figurativizada pela missão do filho do homem: “o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”);

³⁵ BARROS, 2002, p. 113.

³⁶ BERTRAND, 2003, p. 100.

³⁷ BERTRAND, 2003, p. 205.

- f) *Preconceito de classe* (figurativizado pela riqueza e posição social de Zaqueu – “rico e chefe dos publicanos”);
- g) *Preconceito religioso* (figurativizado pela hostilidade a Jesus por hospedar-se na casa de um pecador!);
- h) *Integração étnico-religiosa* (figurativizado pela reafirmação da descendência étnicoreligiosa de Zaqueu – “porque ele também é um filho de Abraão”);
- i) *Integração divina* (figurativizado pela aceitação por parte de Jesus da mudança de Zaqueu e a confirmação de que Deus o salvou: “Hoje a salvação entrou nesta casa”).

De acordo com Bertrand³⁸, a isotopia se caracteriza como a “recorrência de um elemento semântico no desenvolvimento sintagmático de um enunciado, que produz um efeito de continuidade e permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”. Há dois tipos de isotopia: temática e figurativa. Segundo Barros³⁹, “a isotopia temática surge da recorrência de unidades semânticas abstratas em um mesmo percurso temático”. É o que, grosseiramente falando, nos permite fazer generalizações acerca do tipo de assunto de que trata um texto. Já a isotopia figurativa, segundo a autora, “caracteriza os discursos que se deixam recobrir totalmente por um ou mais percursos figurativos”. Essa recorrência ou redundância “de traços figurativos, a associação de figuras aparentadas atribui ao discurso uma imagem organizada e completa de realidade ou cria a ilusão total do irreal, a que já se fizeram muitas referências”.

Na narrativa em análise, há duas isotopias temáticas: salvação religiosa e busca do pecador. O enunciador inscreve no texto um sujeito em busca de Salvação, o que pode ser depreendido, como já dissemos alhures, a partir do elemento desencadeador da busca de Zaqueu por Jesus (“procurava ver quem era Jesus”) e sobretudo porque o destinador Jesus entendeu essa busca ao colocar o sujeito em conjunção com esse objeto-valor salvação (“Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão” [Lc 19,9]).

A isotopia figurativa dá concretude à isotopia temática e específica, no enunciado em análise, a natureza dessa salvação como a libertação de uma vida egoísta (doação da metade dos bens aos pobres) e de um estilo de vida desonesto (restituição quádrupla a quem possa ter defraudado). Além disso, a atitude do ator Zaqueu em doar e restituir ao próximo relaciona-se interdiscursivamente com o decálogo mosaico da Bíblia Hebraica, cuja maior parte dos preceitos refere-se ao amor ao próximo, algo que na narrativa lucana Zaqueu estava infringindo.

Por outro lado, o enunciador desencadeia, a partir dos verbos *dever* (“hoje devo ficar em tua casa”) e *procurar e salvar* (“o Filho do Homem veio *procurar e salvar* o que estava perdido”) a isotopia figurativa da missão de Jesus, que veio para buscar e salvar o perdido. No discurso evangélico de Lucas, o messias é aquele que veio para curar, ensinar, libertar e salvar.⁴⁰ O enunciador, portanto, está dizendo que, no quadro axiológico dos valores da religião cristã, Zaqueu é um perdido, e que, por isso, Jesus, o messias, viera para buscá-lo e salvá-lo. O enunciador religioso (Lucas, o autor implícito) está dizendo que se um pecador procurava pelo salvador, o salvador também já buscava um pecador.

³⁸ BERTRAND, 2003, p. 420.

³⁹ BARROS, 2002, p. 125.

⁴⁰ Ver Lucas 4,16-21.

Assim, nessa narrativa, Jesus é, portanto, construído como o salvador benevolente, generoso, disposto a perdoar o “pecador”, pois, veio para “buscar e salvar o que estava perdido”. Esse é o *ethos* de Jesus construído no texto, tanto como ator da narrativa quanto como destinador do sujeito Zaqueu.

Considerações finais

Segundo Tatit⁴¹, “o olhar semiótico é aquele que detecta, detrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual, espacial, temporal, numa palavra, valores de ordem tensiva – mantendo ou esboçando – entre si interações sintáticas”.

Nesse breve exercício de análise, procuramos mostrar como o enunciador bíblico discursiviza, na narrativa evangélica de Lucas 19,1-10, a noção de salvação religiosa. Embora se possa reconhecer a especificidade da engenharia da narrativa bíblica que, muitas vezes, “resiste” a um modelo de análise pré-estabelecido, podemos dizer então que a semiótica discursiva reafirma seu poder heurístico.

A análise dos mecanismos de construção dos sentidos nos três níveis do percurso gerativo da narrativa analisada nos permite perceber que o enunciador desse discurso fundador compreende *salvação religiosa* exclusivamente associada à missão de Jesus, como messias salvador. Além disso, essa noção transcende uma concepção metafísica e possui dupla implicação: uma de natureza fraterna e generosa e outra de natureza sociopsicológica.

Na primeira, o ator Zaqueu diz que venderá os seus bens e dará a metade deles aos pobres. O sujeito ver-se liberto da falta de amor fraternal que o leva a um estilo de vida egoísta (retenção das riquezas de modo egoísta).

Na segunda, o sujeito liberta-se do egoísmo e do estilo de vida desonesta (exploração dos mais pobres na cobrança de impostos para se beneficiar). Esse modo de vida pode ser depreendido tanto quando o ator Zaqueu coloca no campo de presença a possibilidade de ter defraudado alguém quanto na presença do intertexto que constrói a imagem dos publicanos como desonestos e corruptos.

Por fim, na narrativa em análise, o enunciador constrói a imagem de Jesus, seu *ethos*, como um destinador competente, modalizado por um saber, poder, dever e querer salvar os homens de si mesmo (seus pecados). O salvador é singularizado nesse discurso por um *ethos* divino compassivo e caracterizado passionalmente pela serenidade, simpatia e generosidade. Portanto, Jesus é no discurso lucano, um salvador generoso disposto a doar salvação a quem lhe procura, posto que “veio *procurar* e *salvar* o que estava perdido”.

Referências

A Bíblia De Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002

BARROS, Diana. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

⁴¹ TATIT, L. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

- _____. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos*. Cruzeiro semiótico, Porto, v.11/12, p.60-73, 1989/1990.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BIBLE WORKS. LLC. *Bibleworks for Windows*. Versão 6.0. Norfolk – USA: Bibleworks, 2003.
- CARDOSO, Dario de Araújo. *Corpo e presença na Bíblia Sagrada*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 6 volumes. São Paulo: candeia, 1995.
- DEMARCHI, Guilherme. *Da paixão à ressurreição: uma análise semiótica*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- FIORIN, José Luís. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008a.
- FONTANILE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Christus Portela. 1ª ed. 2ª rev. São Paulo: Contexto, 2001.
- GREIMAS, A. J. & FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- GREIMAS, Algirdas J; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. diversos. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, Algirdas J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Folclore, religião e história. Trad. Ana Maria Petraitis Liblik. *Significação: revista brasileira de estudos semióticos*, São Paulo, n.21, p. 9-28, junho, 2004 (Original Lituano).
- _____. Postface. In: GROUPE D'ENTREVERNES, *Signes et Paraboles – semiótica et texte évangélique*. Paris: Éditions du Seuil, 1977. p. 227-237.
- JADON, José Carlos. *Sucesso e salvação – estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- HENDRIKSEN, William. *Lucas*. Trad. Valter Graciano Martins, 2ª edição, vol. 2, Comentário do Novo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2014.
- LIMA, Anderson de Oliveira. *A semiótica a serviço da leitura bíblica: Análise da narrativa de Mateus 19.16-24*. *Darandina Revisteletrônica* – Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF, vol. 6, n.2, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2014/03/artigo_anderson_lima.pdf>. Acesso em: 20/04/2018.
- MACHADO, Domingos de S. *Tradução e Produção de Sentidos: uma análise discursiva das disputas ideológico-doutrinárias em traduções da Bíblia*. Dissertação de mestrado em Letras/Estudos de Linguagem. Universidade Federal do Piauí. Teresina: EDUPI, 2011.

- MACHADO, D. de S. *Ethos e identidade no discurso religioso fundador: uma abordagem semiótica do corpus paulinum*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução: Nelson B. Costa. *Revista do GELNE*. Fortaleza, v.2, n.2, p.167-178, 2000.
- POSTAL, Jairo. *Uma imagem caleidoscópica de Jesus: o éthos de Cristo depreendido dos evangelhos canônicos*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.
- RAMOS, Karin Adriane Henschel Pobbe. *Análise semiótica da narrativa bíblica “a prova de Abraão”*. 193 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis (SP), 2004.
- SILVA, Sueli Maria Ramos da. *A primazia do acontecimento: tensão entre acontecimento e estado no domínio religioso*. In: MENDES, C; LARA, G. (orgs.). *Em torno do acontecimento*. Curitiba: Appris, 2016. p. 229-245.
- _____. *O discurso fundador na esfera religiosa*. Em: JESUS, S. N; SILVA, S. M. R. (orgs.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. *Discurso da divulgação religiosa: semiótica e retórica*. 2011. 2v. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- _____. *O discurso da divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros: dois éthé, duas construções do Céu e da Terra*. 2007. 360 f. Tese (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- _____. Discurso fundador: análise semiótica de textos das Sagradas Escrituras. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p. 548-570, dezembro/2019>. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241777/34172>>. Acesso em 04/03/2020
- _____. “Deus caritas est”: bases para a operacionalização da noção de éthos. *Estudos Semióticos* (USP), vol. 6, no 2 p. 30 –39. 2010. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49268/53350>>. Acesso em 14/03/2020.
- _____. *Discurso religioso: semiótica e retórica* [recurso eletrônico]. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.
- TATIT, L. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- THÉRIAULT, J-Y. Quand la bible s’ouvre à la lecture sémiotique. *Proteé: revue internationale de théories et de pratiques sémiotiques*, v. 34, n. 1, p. 67-75, 2006. Disponível em <https://www.erudit.org/en/journals/pr/2006-v34-n1-pr1321/013311ar.pdf>>. Acesso em 25/04/2020.
- VUILLOD, G. *Exercícios baseados em narrativas curtas*. In: CHABROL, C.; MARIN, L. *Semiótica narrativa dos textos bíblicos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.

Submetido em 24/02/2025

Aprovado em 29/09/2025